MUITOS FIOS TECEM A IMATERIALIDADE DE UM RITUAL:

ANÁLISE ESTRUTURAL-DINÂMICA DO CÍRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE TRÓIA (SETÚBAL)

por

José Gabriel Pereira Bastos*

Lucinda Fernandes Costa Fernandes**

Resumo

Partindo do Círio de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, central nas festas Mariânicas de Agosto, como estudo de caso estratégico, reconstruímos, no nível teórico, o Ritual como um organizador cultural, como um condensador multidimensional que, invertendo as hierarquias quotidianas, performatiza, num espaço-tempo liminar, uma combinatória simbólica e fantasmática com raízes históricas, colocando a fecundidade materna no seu centro. O que exige um trabalho imaterial com ganhos identitários para a comunidade dos pescadores das Fontaínhas, de cuja resiliência depende a repetição ritual, aberta a pequenas transformações adaptativas ao contexto em variação que dele se aproveita para fins turísticos, empresariais ou políticos. Sustentamos que mais do que uma '*descrição*' sincrónica de tipo sociológico, acessível ao trabalho de mediatização jornalística (Geertz 2000), se torna necessário a apreensão teórica deste tipo de organizadores culturais por um texto analítico e integrativo, atento ao trabalho do inconsciente e às diferentes dimensões do sentido (religioso, mágico, simbólico, familialista, comunitário, identitário, etc.) que o ritual convoca e condensa.

Palavras-chave

Ritual marítimo

Trabalho imaterial

Processos identitários

Abstract

Starting from the Paschal Candle of Our Lady of the Rosary of Tróia, a center piece in the Marian celebrations of August, as a strategic case study, we rebuild, in the theorectical level, the Ritual as a cultural organizer, as a multidimensional condenser that, inverting the quotidian hierarchies, performs a symbolic and phantasmic combination with historical roots, in a liminal space-time, placing maternal fecundity in the center. Something that demands an immaterial work with identity gains for the fishing community of Fontaínhas, from which resilience depends the ritual repetition, open to small adaptive transformations to the variable context that benefits from it for touristic, business or political appropriations. We defend that more than a synchronic "*description*" of sociologic type, accessible to the work of journalistic mediation (Geertz 2000), if becomes necessary to theoretically apprehend this type of cultural organizers by an analytic and integrative text, focused in the work of the unconscious, aware of the different dimensions of the sense (religious, magical, symbolical, familial, communal, identitary, etc.) that the ritual summons and condenses.

Keywords

Maritime ritual

Immaterial work

Identity processes

** Professor associado com Agregação em Antropologia e Psicanálise (reformado da FCSH), é especialista em Antropologia do Simbólico e em Antropologia dos Processos Identitários (jose.bastos@fcsh.unl.pt).*

*** Licenciada em Antropologia e Mestre em Património Histórico (FCSH), é técnica responsável pelo Museu do Trabalho Michel Giacometti, em Setúbal (luciferrnandescms@gmail.com).*

1. Os rituais como organizadores culturais

A antropologia social e cultural dá grande importância à análise dos rituais como âncoras da cultura a estudar (Bateson 1936; Turner 1969; Herdt 1981; Juillerat 1993; Bastos e Bastos 2001). Mais recentemente, a atenção antropológica tem começado a focar as peregrinações e procissões que, nalguns contextos, os enquadram e lhes fornecem mobilidade e irradiação (Frey 1998). Sendo imateriais, os rituais apresentam elevada carga simbólica e indiciam uma complexidade maior do que a do património material, uma vez que incorporam a imaterialidade da cultura. Sendo comunitários, apresentam elevado valor social; articulando as diferenças, têm acentuada importância na produção e reforço da coesão social. Como organizadores culturais, formam **complexos estrutural-dinâmicos**, cuja multidimensionalidade e orientação importa investigar. Neste artigo, ensaiaremos explicitar um modelo de análise estrutural-dinâmica e integrativa de um ritual do mar, na foz do Sado, com elevada antiguidade e, portanto, resiliência á sua destruição por um modelo civilizacional pragmático, centrado na dimensão económica e tendencialmente laico, isto é, instrumental e prosaico. Referimo-nos ao Círio de Nossa Senhora do Rosário de Tróia, ritual do mar de pescadores de Setúbal.

2. O círio de Nossa Senhora do Rosário de Tróia

De acordo com Luis Marques, "*um **Círio** é uma **confraria popular***[1] *que anualmente se desloca a um santuário, em cumprimento de 'promessa antiga' e colectiva que teria feito a povoação* [ou uma corporação particular, como os pescadores, ou as gentes do mar, como no caso de Tróia] *em tempos idos. A promessa consiste apenas em **venerar a imagem do santuário, pernoitando num albergue local**, sem outras obrigações católicas. O círio em deslocação (é promovido por) uma delegação da povoação, cumprindo esta a promessa antiga em nome de todos.*" Como tudo o que provém do Culto do Espírito Santo, é relativamente independente da hierarquia da Igreja, que mantém uma relação ambivalente com este tipo de cultos.

Na **dimensão histórica**, este Círio, em Setúbal, nasce na transição da Reconquista para a Expansão, marcada pela transição da Ordem de Santiago para as ordens Mariânicas (Franciscanos e Dominicanos), da invocação dos Santos Guerreiros para o culto da Maternidade Divina[2], dos Castelos para as Igrejas, e

[1] As **Confrarias** tardo-medievais são a contra-partida católica das corporações profissionais que virão a ser extintas pela Revolução Francesa. São **uma forma de organização popular devocional**, uma *«organização de fiéis com uma certa hierarquia interna»*, com dimensões de ajuda mútua, na fome e na doença, mandando rezar missas pelos seus defuntos, e realizando todas as *«obras pias»* (*«fazer amizades, visitar enfermos, consolar os presos, socorrer necessidades»*), associada às Igrejas locais enquanto locais de peregrinação. Eram coordenadas por **Mordomos**, secundados por Escrivães e Confrades, capazes de receber heranças e dádivas, que reinvestiam no culto e nas obras pias. As Confrarias do Espírito Santo designavam-se como **Irmandades**, mas os conceitos eram permutáveis. Tanto agregavam nobres, como **membros de uma profissão** (pescadores), de um povoado, e até mesmo, mais tarde, minorias étnicas (´pretos'). As Confrarias foram mantidas ou organizadas nas naus que se dirigiram à Índia e foram fundamentais na cristianização de Goa. A primeira delas, fundada pelos Dominicanos, logo em 1511, foi a **Confraria de Nossa Senhora do Rosário**, na Igreja de Santa Catarina, padroeira de Goa (Fernandes 2010). Mais tarde, a **Confraria de Nossa senhora da Anunciação**, desenvolverá uma devoção típica dos Jesuítas. Ainda hoje estão presentes nas organizações das Festas populares de cariz religioso. O cariz «pagão» ou «profano» muitas vezes associado às Festas populares do Ciclo Anual nada tem de pagão ou de profano, mas decorre da acção organizativa destas Confrarias portadoras do catolicismo popular (Espírito Santo 1986) que mantêm vivas as Festas, muitas vezes enfrentando uma relação ambivalente com o clero regular, o qual desconhece a sua própria história e a combate em nome da teologia contemporânea.

[2] O **Círio da Senhora do Cabo** (Espichel), que é mais antigo, está associado à Ermida da Senhora do Cabo, fundada por Diogo Mendes de Vasconcelos, cavaleiro comendador de Sesimbra e Ourique, desde 1390, o qual doou a Ermida à Ordem de S. Domingos, em 1428 (mais precisamente, ao Convento de S. Domingos de Benfica, fundado por D. João I, mais de meio século antes da Fundação da Ermida de Tróia. Há razões para pensar que os **Círios dos Pescadores** são **uma criação dos Dominicanos**, na medida em que foram também eles que introduziram o **Culto da Senhora do Rosário**, representado, nos Mistérios Gozozos, nas paredes da Igreja de S. Sebastião, de Setúbal, da qual sempre dependeu a Ermida de Tróia (antes de 1482). Na prática, temos **uma combinação de um culto antigo à Senhora da Conceição**, com raízes Franciscanas (Senhora que virá a ser nomeada Padroeira de Portugal, depois de 1640, herdando o uso da Coroa de Portugal), **com um culto à Senhora do Rosário**, com raízes Dominicanas. Estas duas Ordens estão religiosamente associadas por um Milagre, representado no

da preocupação com o infiel para a aristocratização da vila e evangelização do povo[3], através da celebração dos tempos crísticos que ligam intimamente uma Mãe e um seu Filho (Nascimento, Morte Pascal seguida de Ressureição e Ascensão) e da oração do Rosário. Estabelecendo um nexo íntimo entre Realeza e Religião, a captação religiosa do título de Rainha opera de duas formas: por um lado liga a Mãe e o Filho numa Realeza que os emparelha (*Salvé, Rainha / Cristo-Rei*); por outro lado, ao transferir para o nível religioso uma Realeza descartada por um republicanismo laico, permite preservar no nível religioso os vestígios de uma história multissecular recalcada.

Na **dimensão religiosa**[4], o facto de os Círios dependerem essencialmente de **Confrarias** populares e obedecerem a um calendário de Círios e Festas religiosas populares, não meramente do calendário litúrgico[5],

---

tecto da Igreja de S. Sebastião, de Setúbal. A **Senhora da Conceição** está representada em toda a costa, inclusive em Lapas ou Grutas (Senhora do Cais, Lapa da Senhora da Galé, etc.); a **Senhora do Rosário** preside à navegação sobre as àguas (e aparece associada, em Setúbal, ao Senhor do Bonfim, que abre o ciclo dos Círios marítimos).

[3] A Setúbal de hoje começa a formar-se depois da reconquista cristã no século XIII. No ano de 1249 D. Paio Peres Correia (mestre da **Ordem de Santiago**, com sede em Alcácer do Sal, reconquistada em 1217) outorga-lhe o seu primeiro Foral, como reconhecimento dos valiosos serviços que os setubalenses lhe prestaram na conquista do Algarve. E em 1343, Afonso IV delimita e rodeia por uma primeira Cerca de muralhas a povoação, frequentemente atacada por piratas sarracenos. Nessa época, Setúbal vive à sombra de três povoações muralhadas, Sesimbra, Palmela e no interior do rio Sado, Alcácer do Sal. Nessa altura, é apenas um **porto fiscal do comércio que entra e sai do rio**, trabalhando para a ordem de Santiago e para o Rei. Os séculos XV e XVI são de crescimento graças ao desenvolvimento da Expansão, da indústria e do comércio. As dinâmicas da Reconquista e da Expansão Marítima cruzaram-se no mar com a conquista de Ceuta (1415) e de outras praças fortes de Marrocos, na direcção das Ilhas Atlânticas e do Golfo da Guiné. Deste modo, a realeza e a Aristocracia aproximaram-se de Setúbal. Daqui partiu em 1458 a expedição militar para a tomada de Alcácer Ceguer, na costa de Marrocos, e aqui casou o rei D. João II, em 1471. Data desta altura a devoção da Senhora da Ermida de Tróia (antes de 1482). Articulando populações piscatórias, pastorícias e rurais com os frades e com as gentes da corte e da nobreza (os Duques de Aveiro, que mandaram construir o Forte do Outão), a economia vai dependendo do sal, da pesca, da agricultura e da indústria conserveira. O seu porto, um dos mais activos do país, recebe um grande impulso na Época dos Descobrimentos. No ano de 1514 é reformado o Foral, por D. Manuel I. D. João III outorga-lhe **o título de Notável Vila (1525)**. Este título proporcionou a criação, em 1553, de duas novas freguesias, a de São Sebastião e a da Anunciada, que se juntaram às já existentes de São Julião e de Santa Maria.

[4] Seria um erro grave menosprezar a dimensão religiosa destes Círios que constituem o principal das festas da Gente do Mar. O maior Círio das Gentes do Mar, em Portugal, é o **Círio da Prata Grande da Senhora da Nazaré**, a festa de maior importância na vida dos pescadores da costa portuguesa. Emigrada para o Brasil, constitui hoje **a maior festa do mundo**, juntando mais de dois milhões de peregrinos.

[5] O Círio da Senhora do Rosário de Tróia não é o único Círio de Setúbal. Enquadra-se num c**alendário dos Círios e Romarias setubalenses** do **Ciclo Primavera-Verão** (insuficientemente estudado), que sucede ao Ciclo de Inverno, mais comemorado no Norte rural. Este calendário estruturante, articulando as gentes da terra e as gentes do mar, começa em Abril, no domingo de Pascoela, com a **Festa de São Luís da Serra** (padroeiro dos pastores da Serra). Segue-se a **Festa do Senhor do Bonfim** (primeiro fim de semana de Maio), marcando, para os pescadores, o início da época da faina, com uma vigília e uma Procissão com imagens do Senhor do Bonfim e das Senhora da Arrábida e do Rosário de Tróia – as santas protectoras das duas antigas comunidades de pescadores de Setúbal (Fontainhas e Troino) –, a qual segue até ao cais onde são abençoadas as embarcações de pesca e lançadas flores à água. Vem depois o **Novo Círio, de Nossa Senhora da Arrábida** (no início de Julho),o "*Círio pobre*", festa dos pescadores e marítimos do Bairro do Tróino, na Freguesia da Anunciada: fundado apenas em 1892, chegou a ter o mesmo perfil do Círio rival (três dias, procissões marítimas na direcção da Serra) mas a competição tardia com o Círio de Tróia, das Fontaínhas não foi bem sucedida; actualmente está reduzido a um dia, com um cortejo por via terrestre. Seguem-se as **Festas do Círio de Nossa Senhora da Arrábida** (Azeitão, 2ª quinzena de Julho), realizadas inicialmente por ocasião das Festas do Espírito Santo (Abril e Maio), que antecediam as Festas Mariânicas. Culminavam na procissão feita a cavalo, estando hoje em perda, reduzidas a um só dia. As **Festas de São Pedro de Alcube** (2ª quinzena de Julho, tradicionalmente a 29, fechando o Ciclo dos Santos Populares) têm mais de 100 anos de existência; a procissão do patrono dos marítimos percorre as ruas da Aldeia Grande. As Festas da Sr.ª da Conceição (meio do mês de Agosto) realizam-se nas Aldeias da Piedade, de São Pedro e Portela, durante 4 ou 5 dias. É neste mesmo momento que se realiza o **"***Círio Rico***" da Senhora do Rosário, de Tróia**. Este ciclo de festas religiosas de cariz popular fecha com As **Festas da Senhora da Saúde**, em Vila Fresca de Azeitão, (na 1ª semana de Setembro); trata-se de uma devoção com 285 anos de existência, que actualmente inclui a missa e a procissão, bem como as cavalhadas e também a quermesse e o coreto, onde actuam as bandas de música.

Associadas a este Ciclo, mas hoje extintas, realizavam-se as **Festas da Senhora da Galé** ou **Senhora da Salvação** (hoje extintas), e as Festas da Senhora do Cais. As primeiras faziam convergir na Lapa de Santa Margarida (na costa da Galé, no sopé da Serra da Arrábida), numa Capela erigida no século XVII, com devoção a Nossa Senhora da Conceição, Santo António e Santa Margarida, os Círios dos pescadores da região. Conta a lenda que foi a invocação da Senhora da Conceição, da capela da Lapa, que salvou os pescadores de Setúbal, perseguidos por piratas sarracenos, que encalharam nas rochas. A Senhora da Galé, ou Senhora da Salvação, acrescenta à Senhora da Conceição uma Galé, que ela protege na outra mão (a sua

remete para o Culto do Espírito Santo[6], presente em Portugal já no século XIII, e reforçado pela devoção de Isabel de Aragão, a Rainha Santa. Trata-se de um novo deslocamento, não agora apenas do Masculino Guerreiro para o Feminino Materno, e da Fronteira para a Família, como do adulto para a Criança, e da aristocracia para o Povo.

Temos assim que embora enquadrado pela Igreja, e associado ao Culto do Rosário[7], o Círio depende da iniciativa comunitária, e embora protegido pelos Reis e Aristocratas, o Círio é do povo, neste caso, dos Pescadores do Bairro de São Sebastião, na sua aliança com os padres franciscanos da respectiva Igreja, adentro de muralhas[8].

---

imagem pode ser vista nos jardins do Convento dos Capuchos, na Caparica). As **Festas da Senhora do Cais** (**Nossa Senhora da Conceição**) enraizavam-se na lenda da imagem da Virgem encontrada nas areias da Praia de Nossa Senhora da Conceição que se veio a tornar no Cais da Conceição. A Festa teve o seu apogeu entre 1920 e 1940, período em que a Ermida de Tróia esteve dependente do Prior de Melides e não se realizou o Círio das Fontaínhas. Tal como o Círio da Senhora de Tróia, partiam da igreja de S. Sebastião, duravam 3 dias e o Círio Naval ia directo ao Sanatório do Outão. Era, nessa altura, a maior festa de Setúbal. Para além dos pescadores, também os trabalhadores da indústria conserveira eram grandes devotos da Senhora do Cais, Foi prejudicada pela construção do Porto de Setúbal, sendo o actual nicho inaugurado apenas em 1953.

[6] O **culto do Espírito Santo**, resulta da pregação do monge franciscano Joaquim da Fiore (1130-1202), autor de *'Expositio in Apocalypsum'* (1895), anunciando o **Império do Espírito Santo e o Reinado da Graça** (já não com sede em Jerusalém ou Roma, mas aberto aos povos de todo o mundo). Tem Festa no Domingo de **Pentecostes** e está associado ao gesto ritual de Otão IV que, durante a Eucaristia, escolheu a criança mais pobre e a sentou no Trono Imperial, tornando-se seu pagem e coroando-o com a sua própria Coroa no final da Eucaristia, enquanto o coro cantava: *'Veni, Creator Spiritus'* (*Vem, Ó Espírito do Criador*). Este ritual, repetido entre 1209 e 1218, teve grande impacto noutras cortes, que o relançaram, usando um símile da sua própria Coroa, a Coroa do Espírito Santo. A Rainha Isabel de Aragão repetiu este gesto, pela primeira vez em Portugal, perante o Rei e os nobres da Corte, em Alenquer. Associada a esta Ressureição Espiritual, era servida a Refeição dos Pobres, promovida a libertação de presos e a construção de hospitais (o primeiro Hospital do Espírito Santo foi o de Santarém).

O culto foi trazido para Portugal pelas Ordens Religiosas (Cluny, Cister, Franciscanos) e teve notável desenvolvimento a partir de Isabel de Aragão (1270-1336), esposa de D. Diniz, que o implantou nas **Vilas da Rainha** (Sintra, Alenquer, Caldas da Rainha, etc.). Os seus símbolos centrais são a **POMBA**, que anunciou o fim do Dilúvio, compareceu na Anunciação, e desceu no Baptismo de Cristo por S. João, e o **FOGO**, que desceu sobre a cabeça dos Apóstolos, no Pentecostes e constitui a fundação da **LUZ** da Ressureição, acesa no Círio Pascal.

O culto do Espírito Santo, com grande expansão entre o final do seculo XII e o século XVI, foi reprimido por Roma a partir do Concílio de Trento (a Contra-Reforma tridentina). O Espírito Santo representa o Novo Reino do Amor, como Cristo anunciou: *'Eu vim lançar fogo à terra e velo para que ela arda de amor, do Espírito Santo'.* **Essa repressão levou a que o Culto do Espírito Santo fosse recoberto pelo relançamento de Cultos Mariânicos**, no interior dos quais permanecem as tradições populares do culto do Espírito Santo, como as grandes refeições colectivas, pagas por um Festeiro. Tal como aconteceu com os Templários, em Portugal, em vez da extinção, processou-se uma metamorfose que ocultou as instituições banidas por Roma, no interior de novas designações. No entanto, através da periferia, o culto do Espírito Santo manteve-se vivo e foi transferido para o Brasil e para a Califórnia, onde organiza a muito numerosa comunidade portuguesa dispersa por mais de uma centena de cidades e vilas (Goulart, 2002).

[7] O Rosário, o Culto da Mãe, é a devoção por excelência dos Dominicanos, tal como a Virgem o pediu numa aparição a S. Domingos. O Rosário tem 3 Coroas, ou Terços, o Terço dos sete **Gozos**, o Terço das sete **Dores** e o Terço das sete **Glórias** de Nossa Senhora. Em cada Terço são contemplados sete **Mistérios**, que deverão ser «*contemplados*». Na **Coroa Gozoza**, do primeiro Terço, os **Mistérios** são (1) a '*inefável*' **Incarnação** do Verbo Divino, anunciada pelo Arcanjo e aceite pela Virgem, (2) a '*grandíssima*' alegria de ver a gravidez constatada, aquando da visita a Santa Isabel, sua prima, (3) o'*singularíssimo*' gozo do **Nascimento** do Menino, (4) o '*excessivo*' prazer de assistir à adoração do Filho pelos Reis Magos, (5) o '*inexplicável*'achamento do menino no Templo, dialogando com os Doutores, (6) o '*incomparável*' gozo da **Ressureição** do Filho e (7) e o '*maravilhoso*' gozo da sua própria **Assunção** ao Céu. É este Ciclo Gozozo que está representado nas capelas laterais da Igreja de S. Sebastião, em Setúbal.

O **Sétimo Mistério da Corôa Gloriosa** coloca a Virgem no Céu, sentada à direita do Filho, por sua vez sentado à direita do Pai, no Trono da Santíssima Trindade. A composição que encima o **altar da Igreja de S. Sebastião**, inverte a ordem, **reestabelece o casal parental** (o que é típico dos cultos populares, e coloca o Filho à direita da Mãe, a qual passa a ocupar a posição central, colocando esta Nova Trindade Medieval sob a tutela do Espírito Santo (a POMBA: o Amor infantil, ingénuo, a fraternidade universal, sem hierarquias, a inteligência popular e directa da Revelação). O culto paralelo e complementar é o Culto do Filho, dos 12 Passos da Cruz, rezado e contemplado no Terço intermédio do Rosário, o Terço das Sete Dores.

[8] A vida religiosa é muito intensa em Setúbal, na fase de transição da Reconquista para a Expansão, Em 1386, os Setúbalenses assinam o compromisso da **Senhora da Anunciada**, em que se obrigam a realizar as sete obras da Misericórdia, *«dando aos famintos de comer e aos sedorentos de beber e a hospedes albergue e aos nus vestimento, aos enfermos visitamento, aos presos acorrimento, aos mortos soterramento e ás nossas almas salvamento. Ámen»*. José Hermano Saraiva considera que é espantoso que, com um documento destes, Setúbal nunca tenha reivindicado o titulo de sede da primeira Misericórdia Portuguesa. Nos finais do século XV e no século XVI são construídas a Igreja de Jesus (Ordem Franciscana das Clarissas), de Santa Maria da Graça, da Boa Hora (dos Agostinhos Descalços), de São Sebastião, do Convento de São João e é reconstruída a Igreja de São Julião (construída no século XIII). Os Franciscanos (que estiveram na origem do **culto do Espírito Santo**, trazido

Na **dimensão da hierarquização social**, temos um **tempo de Inversão**: parte mais pobre do povo de Setúbal, nestes dias, a Festa do Círio é deles, dos pescadores das Fontaínhas, da paróquia de S. Sebastião: eles é que organizam o Círio, é deles a Comissão Organizativa, eles é que recolheram fundos, eles é que conduzem as suas movimentações e fases processuais. As autoridades, o povo não pescador e os de bairros e terras vizinhas, mesmo que pescadores, os jornalistas, fotógrafos e antropólogos, os turistas e os estrangeiros são seus convidados. E eles se encarregarão de o fazer sentir, convidando-os para as suas comensalidades gratuitas, tanto na Mesa da Comissão como nas mesas das famílias acampadas. Este tempo de inversão sociológica paraleliza estruturalmente as inversões religiosas que ao longo da história do cristianismo popular, passaram o poder dos homens para as Mães e o poder dos Reis para os Filhos, as Crianças entronizadas e coroadas, representando os Pobres (isto é, o Povo).

Esta inversão social só é possível pela **mobilização da dimensão comunitária**. O Círio fornece uma liderança e uma organização (a Comissão), que operam, em nome dos pescadores das Fontaínhas, este momento de **passagem da vida quotidiana à vida ritual, simbólica**, criando uma proximidade e convivialidade inusitadas, separando as famílias dos pescadores das Fontaínhas das restantes famílias de Setúbal, desfazendo por um momento as hierarquias sociais internas à comunidade setubalense, igualizando num acampamento algo inconfortável famílias de estatuto diferenciado, numa grande praça ao pé da Caldeira e da Ermida de Tróia, cercado de arvoredo cúmplice e protector dos amores nocturnos que a festa propicía e acende, com os seus bailes e com o abater das fronteiras de cimento e vidro que, na vida quotidiana, fecham as famílias nucleares cada uma na sua casa.

Na **dimensão familialista**, o Círio liga as famílias de pescadores das Fontaínhas entre si e com a Família Divina (com o Pai ausente nos andores da procissão e na invocação), convida à apresentação de cada família extensa, na Caldeira de Tróia, através da ocupação do "*seu*" espaço mais ou menos central, como uma linhagem com um Nome de que se pode orgulhar e reúne as três dimensões da família, os mortos, os vivos, e as crianças actuais e esperadas numa mesma devoção transcendental, que reconhecendo a morte a denega pela reafirmação colectiva da crença religiosa numa outra vida (que o Círio simboliza porque a presentifica ritualmente) e pela ostentação da sua fecundidade familiar.

Na **dimensão ritual**, o Círio cumpre os três tempos estrutural-dinâmicos detectados, na sua serialização genérica, por Van Gennep (1912), há um século atrás: o **tempo da Separação** de Setúbal, do Bairro e da Igreja local, bem como das fainas da pesca, implicando uma primeira Travessia (peregrinação) através do rio, até à Ermida e Caldeira de Tróia. O **tempo da Margem (liminaridade)**, com a duração ritual de 3 dias, onde uma comunidade em renovação, mais fusionada e ritualmente despojada dos seus bens, cumpre os diferentes segmentos do Ritual, enraizado no Lugar Liminar, que analisaremos; e o **Tempo de Reagregação**, implicando duas novas travessias do Sado, da Caldeira ao Outão e do Outão até ao Cais, que fecham o tempo ritual, para repor um ano mais de vida quotidiana. Religião ("*Salvação*"), História, Ritual, Erotismo e Magia da Fecundidade (humana e marítima) vão condensar-se neste Ritual identitário, que sendo de Aflição é também um Ritual do ciclo de vida, da Fecundidade à Morte e da Morte a uma Vida renovada, com mais Fecundidade. A Mãe 'raptada' da Igreja de Setúbal é, ao mesmo tempo Deusa, Rainha, Mulher e Mãe. Entre a Morte do Filho e a Fecundação da Mãe, estamos na fronteira cíclica da Vida e da Morte, que se quer Reencarnação, negando (religiosamente) a Morte unívoca. O que se passa durante os 3 dias de rapto da Deusa, sem deixar de ser Religioso e Aristocrático, releva essencialmente da eficácia simbólica (Séchehaye, 1948; Lévi-Strauss, 19) associada à magia, sem perder o seu enquadramento sincrónico e social que tem ainda outras dimensões.

Na **dimensão do tempo natural, da relação com as forças da Natureza**, está o temporal, que os homens enfrentam potencialmente sempre que saem a Barra, eles e as famílias não sabendo se voltarão. Esta dimensão torna o Círio um **Ritual de Aflição** (Turner, 19) que de imediato, para os pescadores,

para Portugal pela Rainha Santa Isabel) aparecem como a ordem religiosa dominante, fundando, também no século XVI, o Convento da Arrábida. É neste contexto de construção da Setúbal aristocrática e religiosa que se dá a construção da Capela de Tróia (antes de 1482), visitada em 1510 por D. Jorge, filho de D. João II e Mestre da Ordem de Santiago.

assume a condição religiosa, transmutando o tempo natural num tempo religioso. A água salgada é Vida e Morte. Repleta de peixe, pode negar aos pescadores as suas criaturas, trazendo fome e miséria às famílias da beira-mar. Irada, pode afundar os barcos e recolher no seu seio estes filhos das gentes do mar. Neste enquadramento de tempo bonançoso, o ritual passa de ritual de aflição a **ritual propiciatório**; relembrando dores e aflições, invoca a dimensão materna da Deusa-Rainha-Mãe enquanto Senhora dos Aflitos e Senhora da Boa Morte, para que, por mais um ano, os homens da terra, heróis da beira-mar, possam voltar a casa vivos e com o alimento e rendimento necessários. Nesta **operação de empoderamento religioso**, de aliança entre as mães da terra e a Mãe do Céu, que também assistiu impotente à morte do seu filho, as Mães e Mulheres dos pescadores (as Mães dos seus filhos) têm aqui um papel essencial, são elas que conduzem a parte religiosa do ritual, em Setúbal, em torno da Igreja de S. Sebastião, e em Tróia, em torno da Ermida. São elas que vestem a Deusa e os santos do seu séquito, são elas que enchem de flores os andores que, da Igreja, sairão em procissão, são elas que repetirão estes gestos na Ermida de Tróia, são elas que formam essencialmente o cortejo processional e mantêm forte o pedido da salvação dos seus homens, o coro das Salvé-Rainhas e das invocações implorativas a Santa Maria, Mãe de Misericórdia, fonte de Vida, Doçura e Esperança, na miséria e sofrimento das vidas populares.

Na **dimensão do tempo mágico**, reversível e cíclico, a primeira magia é ainda religiosa, presidida pelo sacerdote, que acendendo o Círio Pascal, comutando a Morte em Vida e as Trevas em Luz, com o lume do Círio, acende as velas de cada um dos crentes, agora ressuscitados, como o Filho Divino em sábado de Aleluia. Se a Deusa-mãe resgata a angústia das outras mães, neste momento é o Filho morto e ressuscitado, que transfere a vida, transferindo o fogo e a luz, da sua grande vela (o Círio, que representa o seu corpo morto, com as cinco chagas marcadas com cinco grãos de incenso) para as pequenas velas de cada um dos crentes que se identificam com o Corpo de Deus. Mas o tempo do Círio não é a Primavera, é o Verão, estamos a 15 de Agosto, festa mariânica. Como em todas as Festas Pascais, é a Mãe que vai dar novamente vida ao filho, tomando-o nos braços, na descida da Cruz, e fazendo-o ingressar na gruta da Terra-mãe, onde no final do tempo mágico, renascerá. A Fecundidade venceu a Morte. A Mãe é maior do que o filho e que a Morte. O corpo materno contém e regenera no seu seio todos os corpos humanos, todos nasceram do seu seio e a ele voltarão. Como todas as festas de Verão, estamos também numa Festa da Fecundidade, e a segunda magia é profana. O baile, a música e a dança encenam em público o que deverá ser completado em privado, na escuridão da noite. Como em toda a Magia Popular, a sexualidade humana, multiplicada em comunidade, reforça as forças gerativas da Natureza e garante a passagem esforçada da esterilidade à fecundidade abundante. Entre a cena divina e a cena natural, a cena social cria uma mediação (uma canalização do divino para a natureza) e uma mudança de tónus, da tristeza e da depressão para a alegria e para a euforia, que o vinho (o Sangue de Cristo) potenciará. Entre a religião urbana e a Magia popular, o Simbolismo cria as traduções e as ocultações necessárias.

Na **dimensão da tradução simbólica** dos elementos e das operações mágicas e dos seus referentes fantasmáticos, actuando de forma sub-liminar, são criadas homologias entre níveis naturais, corporais, libidinais, familiares, sociais, religiosos e aristocráticos. Na natureza, o Rio que entra no Mar (a mãe, *la mère*, em francês) encena uma Cena Primitiva[9] natural que necessita ser controlada pelos humanos. Este **espaço do encontro dos líquidos** é um espaço de fecundidade. Como nos explicou a senhora X, quando acaba o Círio, há muito mais peixe nas àguas do rio, perto da foz. Houve um milagre da multiplicação dos peixes a que se associará durante o ano, o milagre da multiplicação dos pães, à mesa familiar. O Mar, a grande mãe, senhora da fecundidade e da morte, troca peixes por pescadores mortos que retém no seu seio,

[9] Na ontogénese estrutural do Inconsciente, a **Cena Primitiva** (a descoberta da genitalidade dos pais) marca o ponto de viragem da pré-genitalidade '*inocente*' para a genitalidade infantil. Nas descobertas da curiosidade infantil, associa o desejo de saber qual é a origem dos bébés, com a descoberta da diferença anatómica dos sexos e da vida sexual dos adultos, dando origem às dinâmicas Edipianas e à produção de teorias sexuais infantis fortemente investidas emocionalmente, como a teoria sádica do coito. Ao contrário da aprendizagem escolar e familiar, que provém dos adultos, estas transformações operadas pela articulação do crescimento com a curiosidade sexual infantil seguem um rumo independente, formando constelações psíquicas com elevada carga simbólica (a linguagem própria do inconsciente) e constituindo-se como um suporte das fantasmatizações que serão projectadas sobre a cultura, sob forma artística (Bastos 2012) ou ritual.

outros Cristos esperando a ressureição (ICTUS, o peixe, era o emblema do Cristo morto e o sinal de vida e de esperança religando as comunicações dos primeiros cristãos). Com o ritual, os humanos tornam visível, aceitam e abençoam essa união, levando a Mãe Divina, que raptaram e toda a comunidade, a percorrer nos seus barcos as fronteiras dessa cena primitiva, simultaneamente abençoando-a, em Festa e "*fechando-a*" em três percursos[10], na fronteira interna, de Setúbal à Caldeira da Ermida (religiosa), na fronteira externa, junto ao mar, de Troia ao Outão (militar) e percorrendo finalmente, numa terceira travessia, essa extensão aquática de Setúbal, agora sacralizada, do Outão até Setúbal, em cujo cais a multidão aguarda feliz o '*milagre*' do Círio, devolvendo a Virgem à cidade. Que o Círio e o Rosário simbolizam inconscientemente os orgãos genitais, e que a reunião na noite inicial de ambos é a operação fulcral, que o "*acender*" do Círio o torna vivo e pronto a '*dar à luz*', transferindo essa capacidade para as velas dos humanos, que a passagem mágica da morte à vida e da esterilidade à fecundidade se dá nesse preciso momento, que necessita do auxílio humano, da cooperação do sacerdote (outro Cristo, em versão humana) e das mulheres (a quem o povo chama Beatas) e suas famílias, não está certamente na consciência dos ritualizantes (e ainda menos dos sociólogos e dos jornalistas) e é dessa não-consciência que ressalta a emocionalidade acompanhante que jorra destes momentos, alimentando a sua repetição.

Na **dimensão regressiva**, necessária às operações da omnipotência do inconsciente, o Círio interrompe os laços com os quotidianos que em Setúbal se concretizam, suspende a vida profissional e a separação dos casais e das crianças por espaços especializados e cria um ambiente de excepção, um ambiente emocionado, simultaneamente Festivo, Religioso, Mágico e Erótico (para muito apenas no nível alimentar, onde os prazeres gustativos se exacerbam) ambiente esse que, no último dia se torna infantil, organizando as competições das crianças e levando adultos a voltarem por um dia à infância, participando eles também no ressuscitar dos jogos e brincadeiras do antigamente. O fim da Festa dará aos pescadores e aos seus barcos a possibilidade de tornar a pesca numa competição identitária não a favor do melhor pescador, mas do barco melhor enfeitado e do direito de transportar o séquito dos santos e, sobretudo, a Rainha-Mãe tão celeste e tão terrena, tão sua. Os ganhos colectivos serão agora, para regressar da regressão, individualizados e gabados.

Na **dimensão identitária**, o Círio vive, como vimos, da inversão estatutária, do aumento da organização da coesão interna e da centralidade ritual e cultural que confere aos Pescadores do Bairro das Fontaínhas, de dentro de portas, vencendo os seus mais directos rivais, os pescadores de fora de portas, do Bairro do Tróino, cujo Círio que era de três dias agora é só de um e já não rapta a Virgem nos seus barcos, indo por terra até ao Santuário da Senhora da Arrábida. Mas a inversão festiva e os seus lucros não se ficam por aqui; a Festa mobiliza como convidados autoridades de nomeada, desde a Presidente da Câmara, a um Cardeal vindo de Roma (o Cardeal Saraiva, em 2005) ou ao novo proprietário de Tróia, Belmiro de Azevedo (no Domingo de 2011), todos eles tornados patronos de um Círio que, ao contrário do Círio do Tróino, que definha, vai ganhando importância e prestígio que a Imprensa[11] e os cientistas sociais e documentaristas potenciarão.

Na **dimensão performativa**, são produzidos efeitos de eficácia simbólica (Séchéhaye 1947; Lévi-

[10] O Círio de Setúbal '*controla*' a Foz do Sado, assim como o **Círio da Senhora do Cabo** "*controla*" a foz do Tejo, entre a Caparica e Almoçageme; de acordo com a lenda antiga, foram um pescador da Caparica e uma mulher de Almoçageme que estão presentes na lenda fundadoura. Ambos são de raiz dominicana. A construção da Ermida de Troia, patrocinada também pela realeza, e a formação do Círio da Senhora do Rosário de Tróia parece corresponder ao começo do desinvestimento em Sesimbra (que pertencia ao ciclo da reconquista) e ao súbito e intenso investimento em Setúbal, associada ao novo ciclo da Expansão. De facto, **o Círio da Senhora do Cabo** (Espichel) é mais antigo, está associado à Ermida da Senhora do Cabo, fundada por Diogo Mendes de Vasconcelos, cavaleiro comendador de Sesimbra e Ourique, desde 1390, o qual doou a Ermida à Ordem de S. Domingos, em 1428 (mais precisamente, ao Convento de S. Domingos de Benfica, fundado por D. João I).

[11] Os jornais locais dão-lhe actualmente grande destaque, o que dantes não existia. A CMS condecorou a Comissão de Festas da SRT (2001) com o Diploma de Mérito e Medalha da Cidade na área das actividades culturais. A Gala da Costa Azul (2003) premiou os elementos da Comissão com esta distinção.

Strauss 1958), tipicamente inconscientes, como seja a redução da angústia dos Pescadores e suas famílias e o reforço exibicionista da Identidade Profissional e do orgulho na virilidade, fecundidade e coragem dos homens, das famílias e da Comunidade em causa. A performance admirável que é a organização da Festa constitui-se como um símbolo visível, e como um Emblema histórico, da performatividade constante dos pescadores das Fontaínhas.

3. O ritual integra pluralidades e cria intemporalidades

Sintetizando, os Círios da costa portuguesa aparecem associados ao Culto do Espírito Santo[12]. Uma vez este culto proibido (o que não impediu a sua persistência, especialmente nas Vilas da Rainha e nos Açores, espalhando-se depois para os Estados Unidos e para o Brasil, devido à emigração portuguesa do final do século XIX), o culto foi assumido pelos Dominicanos e pelos Franciscanos, num ciclo que começa na Ressureição Pascal, inclui devoções ao casal formado por S. José e pela Senhora da Conceição (Franciscanos), à Senhora do Rosário (Dominicanos) e a S. Pedro, patrono dos marítimos, e termina com o culto da Senhora da Saúde, no final de Setembro.

4. O ritual é um trabalho imaterial com ganhos identitários

Ao contrário do que uma visão sociológica possa afirmar, opondo o tempo do trabalho ao tempo do lazer e da festa, no caso do Círio, não se trata propriamente de um tempo de lazer, mas, e sobretudo, de um novo tipo de trabalho, o **Trabalho Imaterial**, transcendental-religioso, isto é, «*milagroso*». Um novo tipo de trabalho, num novo tipo de espaço (na Natureza), recorrendo a linguagens religiosas, simbólicas e mágicas, visando a renovação da vida e da Esperança, envolvendo um novo tipo de **Organização Imaterial** só possível pela congregação e cooperação ritual dos humanos e dos Deuses, da Rainha Deusa e do seu povo, dos filhos terrenos e das Mães divinas, de uma Corporação de Pescadores e da Corporação de uma Igreja local, dos homens e das mulheres, das famílias e das gerações, reunidos em Comunidade vizibilizada, com uma centralidade derivada da sua integração numa unidade mais vasta, a Corporação Municipal de Setúbal.

---

[12] A Confraria do Espírito Santo, de Sesimbra, foi uma das mais antigas confrarias de pescadores em Portugal. Sob a Capela do Espírito Santo dos Mareantes, em Sesimbra, foi descoberto, em 1891, um hospício medieval onde os pescadores doentes eram recolhidos e tratados. Na foz do Tejo, o **Círio dos Pescadores na Ermida de Nossa Senhora da Atalaia** dependia, desde o século XVI, da **Confraria dos Pescadores do Montijo** (Aldeia Galega) a qual, além da ajuda e assistência que prestava aos seus confrades, tinha, entre as suas obrigações, de realizar a festa anual do seu patrono, S. Pedro. Quando, no dia 20 de Julho de 1512, D. Jorge, Mestre da Ordem de Santiago, visitou a **Igreja do Divino Espírito Santo**, registou a existência de um altar de S. Pedro, na ombreira de uma das capelas. O rei D. Manuel I e os seus sucessores foram Juízes perpétuos do Círio dos Pescadores. Além de N.ª Sr.ª da Atalaia, os pescadores eram também devotos de S. Pedro, de S. Marçal (festejados a 28 e 29 de Julho) e do Senhor Jesus dos Aflitos. Porém, é na devoção a S. Pedro que se vão encontrar as manifestações mais castiças das festas das gentes do rio. Realizado no último fim de semana de Agosto, o **Círio dos Pescadores na Ermida de Nossa Senhora da Atalaia** (que inclui cinco Círios que convergem para o Montijo, no dia da Festa) é antecedido, uma semana antes, pelas **Festas** conjugais **em honra de São José Operário e Nossa Senhora da Conceição**, marcadas pela tradicional procissão, ruas decoradas com flores coloridas, bailes de rua e grande noite de folclore, sem esquecer as largadas de touros e a famosa sardinhada, acompanhadas de muita música. A 29 de Junho, dia de **S. Pedro**, destaca-se a **procissão fluvial**, acrescida mais tarde às festividades, onde várias embarcações de pesca engalanadas escoltam uma principal que transporta a imagem do S. Pedro da ponta do Montijo (base aérea n.º6) até ao antigo cais citadino (Cais das Faluas), terminando o cortejo na **Igreja do Espírito Santo**. Por vontade expressa de D. Manuel I, a Câmara Municipal de Aldegalega passou a subsidiar o sermão da festa da Atalaia. Em Alcochete, a antiga **Igreja do Espírito Santo** foi renomeada como Igreja da Senhora da Vida e as festas da **Senhora da Vida** (15 de Agosto) tendem actualmente a substituir cultos mais populares, como **o Círio dos marítimos solteiros e casados de Alcochete, em louvor da Senhora da Atalaia**, realizado na Páscoa. Este constitui a mais antiga tradição conhecida na vila de Alcochete (pelo menos desde 1502), e é uma espécie de ritual para a população da borda d'água, durante séculos caracterizada por marítimos ligados a actividades dependentes do rio. Também na Ilha das Flores (Açores), as Festas em honra de **S. Pedro**, Padroeiro dos Marítimos, são realizadas sob a responsabilidade e com o ritual do Culto do Espírito Santo, sob patrocínio dos Baleeiros.

5. O ritual é multidimensional e performatiza uma combinatória simbólica com raízes históricas

Desfeita a combinatória, irrepetível na vida quotidiana, que tem outros condicionalismos e outras exigências, revertida a inversão e desfeito o ritual, tudo o que é material volta para os seus lugares noutros contextos que lhes são próprios. Tudo o que é imaterial, porque reside na combinatória e não em qualquer dos seus elementos, na multidimensioanalidade e não na superfície perceptível e segmentável dos actos, em operações simbólicas e mágicas que escapam à consciência porque falam a "*linguagem dos sonhos*", escapando, também por isso, a qualquer descrição, reside agora na memória, reactivando antigas emoções intergeracionais dos pescadores. Os ganhos, também eles Imateriais, motivarão o relançamento do ritual, na mesma época e lugar, um ano depois.

6. O ritual depende da persistência identitária dos devotos

Mais do que uma vez o Círio conheceu largas interrupções, devido a forças exteriores, que o reprimiam, ou disputavam para outros lugares, mas a permanência da devoção dos Setubalenses e, sobretudo, das famílias de pescadores das Fontaínhas, a persistência da capacidade organizativa das sucessivas Comissões (a actual, ao longo dos últimos 18 anos), o apoio religioso dos frades da Igreja de S. Sebastião e o apoio financeiro das gentes dos Bairros da Zona das Fontaínhas sempre o relançaram, conseguindo um invulgar concordância da população, do Município, dos Media, da Igreja e do empresário que hoje é o senhor dos terrenos da festa de Tróia.

7. O ritual pede um tipo de texto analítico e integrativo

Esta análise, como o leitor terá reparado, contem dois textos articulados entre si. A opção decorre da especificidade do objecto investigado. O texto principal, focado nas questões da génese, dinâmica, economia, função e sentido de um ritual antropológico, trata o **Círio como um efeito de concentração excepcional**, no tempo, no espaço, das relações de género, da dimensão religiosa e da dimensão simbólico-fantasmática que articula no inconsciente o sexo, a fecundidade e a morte, isto é, **como um ritual, uma complexa condensação multidimensional de sentidos articulados**, com proveniências muito diversas, elas próprias entrecuzadas, percorrendo o caminho que vai da História ao Inconsciente (a Liminaridade) e ao retorno à vida quotidiana.

Nas notas de rodapé, que deverão ser deixadas para uma leitura posterior, congrega-se um arquivo com informação detalhada sobre as diferentes dimensões, produzindo um efeito de **expansão em rede** que, desmembrando o ritual e, portanto, o sentido, vai, no tempo e no espaço, do fim da Reconquista e da emergência do Culto do Espírito Santo na costa portuguesa às praias do Brasil, onde o Círio da Senhora da Nazaré se tornou na maior festa do mundo, com mais de dois milhões de participantes por ano.

Agosto de 2011 / Novembro de 2012 / Revisto em 2014

Bibliografia

Bastos, José (2000) – *Antropologia e Psicanálise* (relatório da cadeira). Lisboa: FCSH, mimeo, 173 pags.

Bastos, José (2002) – *Antropologia do Simbólico* (relatório da cadeira). Lisboa: FCSH, mimeo, 217 pags.

Bastos, José (2012) – "Entre o corpo e a linguagem: a inscrição simbólica das tensões libidinais arcaicas no espaço artístico da modernidade abstracta". In M Acciaiuoli e B. Marques, eds., *Arte e Erotismo*. Lisboa: Instituto de História de Arte / Estudos de Arte Contemporânea, 157-177.

Bastos, José (2013) – *Para uma Antropologia dos Processos Identitários. Critérios, Estratégias, Primeiros resultados / Towards an Anthropology of Identity Processes. Criteria, Strategies, First Results.* Lisboa: Edições Colibri / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Edição bilingue.

Bastos, José e Bastos, Susana (2010) – "What are we talking about when we talk about Identities?". In C. Westin, J. Bastos, J. Dahinden e P. Góis, edits. *Identity Processes and Dynamics in Multi-Ethnic Europe*. Amsterdam: Amsterdam University Press. IMISCOE Research, 313-358.

Bastos, Susana e Bastos, José (2001) – *De Moçambique a Portugal. Reconstruções identitárias do hinduísmo em viagem*. Lisboa: Fundação Oriente.

Bateson, Gregory (1936, 1958) – *Naven. The culture of the Iatmul prople of New Guinea as revealed through a study of the "Naven"ceremonial.* Stanford, Cal.: Stanford University Press , 2nd edition.

Cardoso, Maria Miguel O. G. S. (2012) – *Festa de Nossa Senhora do Rosário de Tróia: estudo de um tempo liminar*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, mimeo.

Espírito Santo, Moisés (1986) – *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições

Fernandes, M. Lucinda Fernandes Costa (2010) – *Os 'Encontros dos Goeses da Beira e seus amigos' na Grande Lisboa. Património Identitário e sua reconstrução cultural pós-colonial.* Dissertação de Mestrado em Património Histórico. Lisboa: FCSH / UNL, mimeo.

Ferreira, Marta I. R. Dias (2007) – *Os Varinos de Setúbal. Relatório de Estágio Profissionalizante.* FCSH: Departamento de Antropologia.

Freud, Sigmund (1900) – "A interpretação dos sonhos". In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, Sigmund (1901) – "Sobre os sonhos". In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vols. IV e V. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Frey, Nancy Louise (1998) – *Pilgrim Stories, on and off the Road to Santiago. Journeys Along an Ancient Way in Modern Spain*. Berkeley: University of California Press.

Geertz, Clifford (2000) – *Available Light: Anthropological Reflections on Philosophical Topics*. Princeton: Princeton University Press.

Goulart, Tony P., coord. (2002) – T*he Holy Ghost Festas, A Historical Perspective of the Portuguese in California*. San José, California: Portugese Chamber of Commerce of California.

Green, André (1992) – "The Oedipus Complex as Mutterkomplex", in B. Juillerat (org.) *Shooting the Sun. Ritual and Meaning in West Sepik*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, pp. 144-172.

Herdt, Gilbert (1987) – *The Sambia. Ritual and Gender in New Guinea*, New York: Holt, Rinehart and Winston. 8

Juillerat, Bernard (1992) – "'The Mother's Brother is the Breast': Incest and its Prohibition in the Yafar Yangis", in B. Juillerat (org.) *Shooting the Sun. Ritual and Meaning in West Sepik*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, pp. 20-124.

Lévi-Strauss, Claude (1958) – "L'efficacité symbolique" [1949], in *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon, 205-226.

Manenti, François (1992) – "Yangis; Enacting the Unconscious", in B. Juillerat (org.) *Shooting the Sun. Ritual and Meaning in West Sepik*. Washington and London: Smithsonian Institution Press, pp. 173-190.

Marques, Luis (2005) – *Tradições religiosas entre o Tejo e o Sado. Os Círios do Santuário de Atalaia*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Nogueira, Lénia e Martins, Patrícia (2003) – "Paróquia e Igreja de São Sebastião de Setúbal". *História e Arte*. Setúbal: Paróqua de São Sebastião.

Séchéhaye, Marguerite (1947) – *La Réalisation Symbolique*. Berna: H. Huber.

Turner, Victor (1967) – *The Forest of Symbols. Aspects of the Ndembu Ritual*. Ithaca and London: Cornell University Press.

Turner, Victor (1969) – *The Ritual Process. Structure and anti-structure*. London: Aldine Publishing Company.

Van Gennep, Arnold (1909) – *Les rites de passage: étude systématique*. Paris: E. Nourry, rééd. 1981.

ANEXO 1

TEMPOS ESTRUTURANTES DO RITUAL DO CÍRIO DE TRÓIA
(AGOSTO DE 2011)

TEMPO DE PREPARAÇÃO

I. PEDITÓRIO COM CHARANGA (Comissão solicita a participação da população)
II. TRÍODO, rezado na Igreja de São Sebastião (3 dias de oração nocturna do terço)
III. PREPARAÇÃO DOS ANDORES (actores especializados: homens preparam os andores; mulheres vestem a Deusa e decoram os andores com flores)

RITUAL DO CÍRIO

I. PRIMEIRO DIA (sábado, em condensação com o Sábado de Aleluia):

1. 1 - **missa por alma dos marítimos falecidos, na Igreja de S. Sebastião**, evidencia a implicação da Igreja no ritual popular, articulando os vivos com os seus mortos e a comunidade piscatória com a religião dos pe(s)cadores

1.2 - **procissão de São Pedro, com levada da Senhora ao Rio** (tarde do primeiro dia), despedindo-se dos que ficam na cidade (acompanhada pela Banda dos Bombeiros de Setúbal);

1.3 - **Círio Fluvial em direção à Caldeira: procissão naval da levada da Virgem e seus acompanhantes sagrados para a Casa de Tróia** (a **Ermida**, casa sagrada que se situa num Ermo, longe da Urbe)

1.4 - **procissão Nocturna pela praia da Caldeira, onde as velas dos romeiros são acesas no Círio Pascal** e onde são contemplados os sete **Mistérios Gozozos do Rosário da Virgem** (incarnação, gravidez, parto, adoração pelos Reis Magos, circuncisão do menino, morte e ressureição)

1.5 - baile e arraial popular

II. SEGUNDO DIA (domingo, em condensação com o Domingo de Páscoa):

2.1 - alvorada, seguida de **missa, na Ermida**, rezada pelo bispo da diocese, seguida da **Procissão Matinal pela praia da Caldeira**, que repete a primeira procissão, mas desta vez sem velas (homilía de Mt 15, 21-28)

2.2 - **almoço dos convidados** (com a participação de Belmiro de Azevedo, empresário de Tróia, da Presidente da Câmara e do Bispo de Setúbal)

2.3 - **tempo de Jogos competitivos** (jogo da corda, da caça ao pato, de perguntas e respostas na Cabine de Som, de corridas de sacos e da subida ao pau ensebado) (tarde do segundo dia)

2.4 - **concurso das embarcações engalanadas**

2.5 - **baile noturno**, dimensão festiva do ritual de fecundidade, finalizado com **fogo de artifício**

III. TERCEIRO DIA (segunda feira):

3.1 - alvorada, seguida de **missa na Ermida**, (homilia de Lc 1, 39-56) Sta Isabel

3.2 - divertimentos e jogos de praia

3.3 - **entrega de prémios** do concurso de barcos engalanados

3.3 - **partida do Círio fluvial para o Outão**, sacralizando a barra do Sado e convocando um novo tipo de Virgem, uma nova protecção divina (a Senhora da Saúde) que a todos interessa (pescadores, doentes do Hospital, população de Setúbal)

3.4 - **procissão naval da devolução da Senhora à Cidade**, passando pela Senhora do Cais, com grande recepção popular (que fecha o Ritual, como tempo de Agregação).

Observação: *A devolução não é concretizada e a Senhora regressará para a Ermida, durante um tempo curto, exterior ao Ritual.*

Figura 1 - Cartaz das celebrações em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.

Figura 2 - Programa de actividades das celebrações em honra de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.

Figura 3 - Fotografia tirada no bairro das Fontaínhas, em que a charanga acompanha o peditório para o Círio da Senhora do Rosário de Tróia.

Figura 4 - Fotografia da erecção do Sagrado: homens constroem os andores na Igreja de S. Sebastião.

Figura 5 - União do Sagrado e da Natureza: mulheres colocam as flores nos andores.

Figura 6 - 1 º dia: Missa por alma dos pescadores falecidos.

Figura 7 - Os cultos do Espírito Santo e Mariânico dão a centralidade e entronizam o feminino materno na aliança da fecundidade humana com a fecundidade mística.

Figura 8 - Ordens Mariânicas dos Dominicanos e dos Franciscanos, devotos da Senhora da Conceição e da Senhora do Rosário, cuja cooperação histórica é exibida no tecto da Igreja de São Sebastião.

Figura 9 - Em grande destaque, na Igreja: o símbolo da fecundidade virginal.

Figura 10 - O retorno do Sagrado à Natureza: saída dos andores da Igreja de S. Sebastião.

Figura 11 - Da cidade à natureza: a comunidade dos pescadores conduz a Senhora ao cais das Fontaínhas.

Figura 12 - Da Terra às Águas: introdução dos andores nos barcos dos pescadores.

Figura 13 - A procissão dos pescadores: barcos engalanados em direcção à Caldeira.

Figura 14 - O Círio fluvial: pescadoras identificam-se com a Senhora de Tróia.

Figura 15 - Da civilização à Natureza: o Retorno ritual às origens.

Figura 16 - Da grandiosidade à intimidade: entrada dos andores e da comunidade na Ermida da Caldeira de Tróia.

Figura 17 - Na Ermida: velas, fogo Luz, instrumentos rituais de renovação e de busca de protecção mágica.

Figura 18 - O lado profano do ritual: convívio no terreiro da caldeira de Tróia.

Figura 19 - A dimensão profana: convívio diurno no terreiro da Caldeira de Tróia.

Figura 20 - Do Dia à Noite: a Virgem e o Círio conduzidos pelos crentes em procissão Nocturna, pela praia.

Figura 21 - O ritual na dimensão profana: o baile nocturno (re)produz casais.

Figura 22 - A materialização da dimensão simbólica: o Fogo de artifício explode na Noite.

Figura 23 - 2 º dia (domingo): Missa em Tróia, o ritual formalizado.

Figura 24 - Missa: o reencontro institucional (re)hierarquizado.

Figura 25 - O ritual informal e solar: procissão diurna pela praia.

Figura 26 - A dimensão da competição identitária: concurso de barcos engalanados.

Figura 27 - A dimensão da competição identitária: jogos tradicionais.

Figura 28 - A presença do mundo exterior: a rádio na festa.

Figura 29 - Da comunidade ao grupo primário: almoço com as famílias.

Figura 30 - Entre mulheres: o convívio privado.

Figura 31 - Do privado ao comunitário: um trabalho de homem, a preparação os almoços da Comissão e seus convidados.

Figura 32 - O convívio dos líderes: almoço da Comissão de Festas e apoiantes.

Figura 33 - Os líderes do ritual das Fontaínhas convidam para o almoço entidades Oficiais de Setúbal.

Figura 34 - Os líderes do ritual das Fontaínhas convidam para o almoço entidades Oficiais de Tróia.

Figura 35 - 3º dia: (segunda-feira) - entrega de prémios dos barcos engalanados.

Figura 36 - De Tróia ao Outão: a sacralização da barra do Sado, primeiro trajecto do regresso processional a Setúbal.

Figura 37 - A Virgem do Rosário também é a Senhora da Saúde: da fecundidade à protecção dos doentes.

Figura 38 - Do Outão à Senhora do Cais: o encontro ritual das deusas, à chegada à cidade.

Figura 39 - Procissão marítima: o regresso do Círio ao cais das Fontaínhas.

Figura 40 - População em Setúbal espera a chegada do Círio de Nª Srº do Rosário de Tróia.

Ficha Técnica

Pesquisa:

José Gabriel Pereira Bastos

Trabalho de campo:

Lucinda Fernandes Costa Fernandes e José Gabriel Pereira Bastos

Texto:

José Gabriel Pereira Bastos

Lucinda Fernandes Costa Fernandes

Registo de Imagem:

Lucinda Fernandes Costa Fernandes

Maria José Simas

José Gabriel Pereira Bastos

João Simas